

*Eis os limites de um espaço morno e inospitaleiro. Nele corre o vento mais rápido do globo. Ele como que traz do pólo mil e uma e flechas de gelo que atravessam qualquer proteção e se fundem cruelmente nas velas e nos ossos, lá onde parece aninhar-se o calor da vida. O homem vestido do couro dos animais que pastoreia, caminha titubeante sob a pressão insistente das rajadas. Suas mãos são ávidas de todo apoio que lhe permita, para vencer a violência incansável da tempestade, gastar menos uma energia preciosa. Nos piores dias ele precisa arrastar-se. Que vegetação resiste a tais sopros? As raízes profundas e fibrosas, cheias de um leite viscoso, expõem em vários lugares, acima do solo, cúpulas baixas e compactas, feitas de um musgo mais duro que a pedra. Longe de as talhar, as pedras esboroam-se sobre este pasto de ferro. E o carneiro, que precisa roê-lo ou padecer, aí gasta os seus dentes em menos de um ano.*

*Os barcos carregam os pacotes de lã que se acumulam aqui e ali nas praias dos estuários e das baías. Eles depositam, em troca, as máquinas, os móveis, os livros, tudo o que os primeiros habitantes de uma terra selvagem podem solicitar aos longínquos portos da civilização.*

*No quarto dia, após ter abandonado a última agência comercial onde são embarcados estes dons de um outro mundo, o navio se encontra frente a uma porta gigantesca. Altas falésias luminosas barram a sua rota e não deixam à sua frente senão uma estreita passagem que obscurece a cintilante brancura daquelas. As muralhas criadas por elas parecem encerrar um paraíso misterioso. Mas, separando-se com presteza, elas se apagam na distância, se confundem com o horizonte e se aproximam, enfim, da parte posterior do barco como a aprisioná-lo em um lago imenso e sem saída. Apenas a sua parte de sombra é ainda visível, e o sol que se levanta em pleno mar apenas alcança as águas tenebrosas da baía pela fenda estreita e frágil que constitui o seu único acesso.*

*Na orla que se aproxima, distinguem-se as casas mais rudimentares que o homem civilizado poderia construir. Um acampamento teria parecido comportar uma vida mais confortável nos seus costumes, mais segura das suas leis e da sua continuidade. Essas casas de folha de ferro ondulada, corretamente arranjadas em ruas perpendiculares, parecem ser, as mais vazias de lembranças e de intenções que se possam imaginar. Elas obedecem a uma disposição uniforme que contrasta com o plano sempre pessoal das vilas que, nas regiões mais antigas, posicionadas em volta da igreja ou alinhadas ao longo de uma estrada, denunciam um geografia totalmente humana e totalmente moldada pelo lugar. Os que se abrigam nestas paredes não pensaram em colocar nelas qualquer coisa de seu gosto. Ninguém fixou sobre estes ni-*

*chos e sobre estes telheiros a marca de uma alma singular. O mais pequeno requinte teria, entretanto, sido suficiente. Necessitar-se-ia apenas de uma flor atrás da cortina ou de uma cortina atrás de um vidro. Não se trata aqui de pobreza, mas de ausência. Falta a tais construções o que possui a tenda do nômade e até mesmo a estalagem do animal: o serem feitas à imagem do ser particular que nelas mora, manifestarem um pouco as suas preocupações e alegrias.*

*"Patagônia"  
Roger Caillois\**

\* Fragmento de *Le rocher de Sisyphé*. Paris: Gallimard, 1946. Trad. Jefferson Agostini Mello.

## PRODUZIR O LIMITE Dois olhares

Jefferson Agostini Mello\*

*Às ilhas, pérolas do mar, devem a superfície do planeta, algumas de suas mais belas feições: a essas terras devem também os povos, graças ao comércio, em grande parte, sua civilização. (...) Se as nações arianas estivessem privadas desta espécie de cidadela onde puderam entrincheirar-se e colocar sob vigilância o terror de suas conquistas intelectuais e morais, com certeza não realizariam os progressos que criaram o mundo moderno.*

Elisée Réclus. "A vida na terra"

Etapas para uma viagem textual: a produção escrita dos viajantes no segundo ciclo das colonizações (de extração capitalista) ao articular conhecimento sobre o terreno (percurso) e texto (discurso) sintetiza os desejos de controle da modernidade, ao mesmo tempo que, na reverberação de outros relatos, elabora uma auto-crítica da metrópole.

Há dois momentos chaves e, se quisermos, distintos, na história do Ocidente, em que os escritos de viajantes auxiliam na ampliação e construção dos espaços, a saber, nos séculos XV e XVI e, em um segundo estágio, nos séculos XVIII e XIX. As chamadas grandes navegações, viagens da *Orbis terrarum*<sup>1</sup> ao desconhecido, acabam por topar com um outro pedaço de terra, até então inexistente, com o que mais tarde se chamaria América, a "quarta parte do mundo". Na constituição da América, na sua invenção, o que surge é um novo continente, mas um continente, segundo coloca Edmundo O'Gorman "à imagem e semelhança do seu inventor"<sup>2</sup>. Em outras palavras, "a concepção das novas terras como a quarta parte do mundo não só implicou a idéia de que,

\* Mestrando em Literatura Brasileira e Teoria Literária — UFSC.

<sup>1</sup> Ou Ilha da Terra que compreendia Europa, Ásia e África e à qual o Mundo se reduzia.

<sup>2</sup> *A invenção da América*. Trad. Ana Maria Martinez Corrêa, Manoel Leão Belloto, Assis, Unesp, 1992. Subseqüentes páginas se referem a este texto.

não obstante as estranhezas da natureza, os elementos físicos eram os mesmos que nas outras partes já conhecidas, mas também a de que os naturais daquelas terras, quaisquer que fossem os seus costumes, participavam da mesma natureza que a dos europeus, asiáticos e africanos, ou para dizer em termos da época, que também descendiam de Adão e podiam se beneficiar do sacrifício de Cristo" (p. 497).

Temos, portanto, nestas viagens e nos textos que daí proliferam e que as proliferam, uma relação com o outro que não é de ruptura, mas de continuidade, ou seja, de continentalidade, vizinhança. No contexto latino-americano, tenta-se "transplantar para as terras da América as formas de vida européia, concretamente a ibérica" (p. 200). Neste sentido, o outro dos relatos de viagem não será entendido como uma alteridade radical, mas como alguém que carece apenas de uma consciência do seu próprio devir e que poderá ser trabalhada, adaptada ao modelo. Surge, desta invenção, um alargamento do próprio conceito de Terra que abrangerá não só o novo continente mas o Oceano (um único, o Atlântico) condição de possibilidade da itinerância e da expansão ultramarina.

Contudo, se num primeiro momento, deslizam sobre as águas oceânicas os inventores do continente americano (missionários, intendentes, aventureiros), a partir da aventura científica<sup>3</sup>, que se inicia no século XVIII, serão outros os exploradores de espaços que por ali passarão. Não mais inventores, mas intervenores. Porque, quando os espanhóis e portugueses começam a perder seus territórios, as viagens e os relatos não são mais os mesmos.

Neste segundo ciclo das viagens de colonização, não se oferece mais ao colonizador — que não é mais português nem espanhol (ibérico) mas, sobretudo, francês e inglês, em outra palavra, europeu<sup>4</sup> — apenas um espaço a sua espera, fruto da bondade divina, e sim um espaço que deverá ser disputado. Dito de outro modo, não se trata mais de *invenire* mas de *intervenire*, intervir sobre o espaço. E é nesta tentativa de intervenção que se coloca o problema e a necessidade de se pensar as fronteiras. Porque o prefixo *inter* pressupõe também um intervalo (entre), uma falta em relação à origem à qual, a partir deste momento, será impossível retomar tanto por parte do colonizador quanto por parte do colonizado. Se ao primeiro é impossível perceber o mundo como uma continuidade, ao segundo já não interessa mais

<sup>3</sup> Em seu texto, *Imperial eyes* (na tradução para o espanhol *Ojos Imperiales*. Buenos Aires, Universidad Nacional de Quilmes, 1997), Mary Louise Pratt percebe a expedição científica de La Condamine como um marco de mudança na concepção das viagens.

<sup>4</sup> Ao perderem as colônias, Portugal e Espanha deixam de fazer parte da Europa.

copiar o modelo mas construir-se enquanto diferença. Motivos pelos quais ambos preocupam-se em afirmar as suas fronteiras através, sobretudo, das literaturas nacionais.

Em fins do século XVIII, a conversão religiosa dá lugar ao fluxo comercial. Instala-se, assim, ao invés do dogma unificador cristão, uma lógica da produtividade capitalista baseada na exportação e na importação de objetos — fragmentos que atuam na conquista do espaço alheio. Apesar de, em um primeiro momento, esta tentativa de implantação dos objetos e dos bens do Outro encontrar obstáculos<sup>5</sup> ela acabará se impondo via instrumentos de controle bastante eficientes, dentre eles os próprios relatos de viagens destes interventores: cientistas, representantes de governos, empregados de companhias estatais e privadas.

É no contexto acima que a *Revue des Deux Mondes*<sup>6</sup>, publicada na França a partir de 1831, se coloca como veículo de publicação destes relatos *des deux mondes*, ou melhor, *entre-deux mondes* e publica uma série de textos de viagens sobre ilhas que, poderíamos supor, despertam interesse justamente por se tratarem de microcosmos do mundo colonial e espaços onde a administração imperialista encontra menos dificuldades para exercer seu controle.

A ilha constitui, portanto, o espaço mais favorável para a construção e afirmação dos domínios. Diferente do deserto ou da floresta, trata-se de um espaço com limites precisos para a instalação dos modos de produção capitalista que os relatos de viagens insulares corroboram, ou seja, produzem textualmente, em um processo de escritura que mapeia o espaço a ser conquistado. Daí a necessidade de vermos como os textos da *Revue des Deux Mondes* assumem o discurso de dominação e progresso do Ocidente e vinculam-se a uma linhagem da antropologia vitoriana que, para Gerard Leclercq<sup>7</sup>, a partir da análise de outras culturas, pretende dissolver a diversidade.

O geólogo Ferdinand Fouqué<sup>8</sup> publica em 1873, na *Revue*, um relato intitulado "Voyages géologiques aux Açores"<sup>9a</sup>, logo após

<sup>5</sup> Os nativos, os exércitos nacionais, os países adversários, a própria natureza hostil (o deserto argentino, a floresta amazônica, por exemplo).

<sup>6</sup> A importância da *Revue des Deux Mondes* decorre, de um lado, de ser o fator de intercomunicação do mundo colonial recém-emancipado com os centros financeiros e industriais dominantes no período, mas também, de outro, de ser a *Revue* a intersecção de um conjunto de utopias modernas com a sociedade capitalista contra a qual se insurgiam.

<sup>7</sup> *Antropologia y colonialismo*. Trad. Jesús Martínez de Velasco, Madrid, Comunicación Serie B, 1973.

<sup>8</sup> Segundo a *Enciclopedia Italiana* (vol. XV) Fouqué que foi professor no Collège de France, membro e presidente da Academia das Ciências e teria introduzido na França o uso do microscópio no estudo dos minerais e das rochas, ao mesmo tempo que reproduziu artificialmente diversos minerais, obtendo por síntese várias rochas

a sua segunda viagem ao arquipélago — a primeira acontecera em 1867. Divulgador da produção capitalista, este texto de Fouqué pode ser entendido como um apanhado de notas, informações que são coletadas nas duas viagens em um diário e que são reconstruídas através da memória. Duplo movimento que daria ao texto uma sorte de legitimidade pois, além de se basear na "viagem empírica", pega emprestado do texto memorialista seu caráter de afirmação de uma memória coletiva, portanto, "mais verdadeira"<sup>10</sup>. Vejamos a introdução do relato:

"Atraído duas vezes aos Açores pelo desejo de acabar certos trabalhos de química aplicada à geologia, tive que percorrer passo a passo não somente as partes cultivadas das ilhas, mas ainda as regiões mais selvagens das partes centrais. Retraçando aqui algumas das minhas excursões, o meu objetivo é oferecer uma idéia da conformação de um lugar que pode ser visto como modelo de regiões vulcânicas marinhas"<sup>11</sup>.

Explicita-se, assim, na citação acima, a duplo movimento de produção do relato de viagens: em primeiro lugar, o percurso, para, logo após aparecer seu *retracado* que, construído entre quatro paredes, deve selecionar as notas mais importantes tomadas no decorrer da viagem que, poderíamos supor, estariam, sobretudo, relacionadas à conclusão de suas pesquisas de química aplicada à geologia. Poderíamos inferir, deste modo, que nesta escritura híbrida, feita enquanto viaja, um diário, e *a posteriori*, uma memória redigida dentro do gabinete de cientista a partir do qual examina o mundo, descansa uma lógica que não permite sobras.

Ora, pensemos, primeiro, na definição de diário íntimo (*journal intime*) que nos dá Maurice Blanchot em *Le livre à venir*. Trata-se, segundo o autor, de uma tentativa do escritor de escapar ao silêncio, de observar e conhecer-se. Está, portanto — ao contrário do relato ( *récit*), escrito ao acaso — sob a égide da funcionalidade, do uso cotidiano.

vulcânicas. Foi um dos primeiros naturalistas que soube aplicar praticamente seus conhecimentos químicos e geológicos no estudo dos fenômenos vulcânicos.

<sup>9</sup> *Revue des Deux Mondes*. Tomo 102, 1º de janeiro de 1873, tomo 103, 1º de fevereiro de 1873 e tomo 104 de 1º de março de 1873.

<sup>10</sup> Ver, para isto, o texto de Georges May *La Autobiografía* (Trad. Danubio Torres Fierro, México, Fondo de Cultura Económica, 1982).

<sup>11</sup> Esta é a primeira parte dos relatos de Fouqué, de janeiro de 1873. "Attiré à deux reprises aux Açores par le désir d'accomplir certains travaux de chimie appliquée à la géologie, j'ai dû parcourir pas à pas non-seulement les parties cultivées des îles, mais encore les régions les plus sauvages des parties centrales. En retraçant ici quelques-unes des mes excursions, mon but est de donner une idée de la conformation d'une contrée qui peut être regardée comme le type des régions volcaniques marines...". Idem, *ibidem*, p. 42.

"L'intérêt du journal est son insignifiance. C'est là sa pente, sa loi. Ecrire chaque jour, sous la garantie de ce jour et pour le rappeler à lui-même, est un manière commode d'échapper au silence, comme à ce qu'il y a d'extrême dans la parole. Chaque jour nous dit quelque chose. Chaque jour noté est un jour préservé. Double opération avantageuse."<sup>12</sup>

A partir daí, alargando a definição de Blanchot de diário íntimo para o diário de viagem, diríamos que este vincula-se tanto ao fato de tirar a linguagem recolhida pelo viajante do silêncio, colocando-a a serviço de uma produção do saber, quanto à observação e conhecimento. Neste caso mais do outro do que de si (ou de si a partir do outro).

No entanto, como vimos, o texto de Fouqué é trabalhado em dois momentos. Na operação de passagem do material bruto, matéria-prima, para a o texto que deverá ser publicado, o narrador, mais uma vez, evita as perdas, lança mão dos três gêneros que, segundo Ilka Boaventura Leite, compõem os relatos de viagem, a saber, o diário, a crônica e memória: "no momento da elaboração da obra, o autor transcrevia partes de seu diário, acrescentava fatos que estavam guardados na memória, comentava certas passagens ou acontecimentos que tinha registrado no diário, ou que havia lido nos diários de outros".<sup>13</sup> Assim, com a ajuda de um terceiro elemento, a crônica, e ainda, de um quarto, os outros relatos de viagem, a escritura do viajante ilustrado, no caso, a do geólogo Ferdinand Fouqué, reproduz a lógica do seu principal patrocinador: o império francês. Por isso, não é em vão que Fouqué enfatize, já na introdução, o último estágio da produção do seu texto, efetivado *na* metrópole, a partir de um olhar distanciado do cientista (assinalado no próprio título em "Voyages géologiques") que, de fora do acontecimento, pode contar com minúcias aquilo que viu.

Entretanto, retornando à citação acima, notamos que Fouqué, aproveitando a viagem, trilhará mais caminhos. Na sua excursão, ambiciosa, nada deverá ficar de fora, nem as partes selvagens, nem as centrais, ou seja, nem um pedaço dos espaços insulares pode escapar ao olhar do cientista explorador. É porque, na verdade, nem Fouqué está preocupado apenas em terminar as suas pesquisas científicas nem o leitor em conhecer somente as descobertas químicas. Assim, diz ele em seguida:

"Tentarei, ao mesmo tempo, fornecer um resumo das riquezas vegetais destas ilhas, das felizes condições que nelas encontra especi-

<sup>12</sup> *Le livre à venir*. Paris, Folio. p. 254.

<sup>13</sup> Ilka Boaventura Leite. *Antropologia da viagem — escravos e libertos em Minas Gerais no Século XIX*. Belo Horizonte, UFMG, 1996. p. 83-84.

alimente a arboricultura, e dos notáveis ensaios de aclimação que aí foram tentados ou pretendidos".<sup>14</sup>

Percebemos que, à medida que relata, ocorre um alargamento do "but" de sua viagem. Ele aproveitará para mapear, também as riquezas do lugar, juntando ciência e economia<sup>15</sup>, e transformar o arquipélago em um lugar próprio para outras viagens. Em momentos posteriores do relato, registrará as bem sucedidas tentativas de aclimação da natureza "européia"<sup>16</sup> na natureza açoriana. Como percebeu Graciela Montaldo<sup>17</sup> em relação aos viajantes ingleses na planície argentina, o viajante geólogo tende também a considerar o arquipélago como parte deste "novo mundo" dos séculos XVIII e XIX, futuro assentamento tanto de matérias-primas como de "consumidores". É com isto em mente que Fouqué fecha a introdução das suas peregrinações científicas:

"Alguns dos incidentes das minhas peregrinações permitirão, também, ao leitor dar-se conta dos progressos e dos hábitos da população dos Açores, dos progressos que ali foram alcançados em trinta anos no plano intelectual e moral, e do futuro que parece reservado aos habitantes deste delicioso éden".<sup>18</sup>

Com uma leve referência à questão das aventura que deve incorporar os relatos de viagem, tentando encaixá-lo, assim, dentro do racionalismo romântico de Humboldt<sup>19</sup>, Fouqué encerra sua

<sup>14</sup> "J'essaierai en même temps de fournir un aperçu des richesses végétales de ces îles, des conditions heureuses qu'y rencontre notamment l'arboriculture, et des remarquables essais d'acclimatation qui y sont tentés ou poursuivis". *Op. cit.*, p. 42.

<sup>15</sup> Segundo Graciela Montaldo (*Espaço y nación, In: Estudios — Revista de investigaciones literarias*. Caracas, Universidade Simón Bolívar, nº5, enero-junio, 1995), o saber sobre o terreno proporcionará os instrumentos mais adequados para conquistá-lo.

<sup>16</sup> Em vários momentos da narrativa acentua-se o fato dos Açores não fazerem parte da Europa, mas estarem, justamente, *entre* ela e a América: "Si l'on considère la position des Açores au milieu de l'Atlantique, presque à égale distance de l'Europe et de l'Amérique, mais très loin des deux continents, on s'attend à y observer tout un ensemble de végétaux très différents de ceux des côtes de l'Amérique et de l'Europe". p. 839. Esta citação faz parte da edição de março de 1873. *Op. cit.*

<sup>17</sup> *Op. cit.* Da mesma forma, Ilka Boaventura Leite faz notar que a redescoberta do "novo mundo" regia-se pela troca de matérias-primas por produtos industrializados (*Op. cit.*).

<sup>18</sup> Meu itálico. "Quelques-uns des incidents des mes pérégrinations permettront en outre au lecteur de se rendre compte des mœurs et des habitudes de la population des Açores, des progrès qu'y sont accomplis depuis trente ans sous le rapport intellectuel et moral, et de l'avenir qui semble réservé aux habitants de ce délicieux éden". *Op. cit.*, p. 42.

<sup>19</sup> Em *Los viajeros ingleses y la emergencia de la literatura argentina, 1820- 1850* (Buenos Aires, Sudamericana, 1996) Adolfo Prieto analisa como os viajantes ingleses Francis Bond Head, Joseph Andrews e Edmond Temple se apropriam do relato de Humboldt que, tributário a Hegel, mescla romantismo (sem imagens associadas a



introdução enfatizando o mapeamento dos costumes do outro. Neste caso, serão três as etapas da sua viagem — que têm, como pano de fundo, a preocupação com as formações vulcânicas da ilha: conhecer o terreno, a cultura e, da mesma forma, preparar a aclimatação, ou seja, a imigração; último passo após o deciframento do território. Aqui, porém, limitarei a análise nas descrições das erupções vulcânicas que Fouqué “não vê” mas interpreta e tentarei mostrar como o próprio discurso científico alegoriza o controle do território e da população insulares.

“La nouvelle d’une éruption sous-marine dont l’apparition venait d’avoir lieu dans le voisinage de l’île Terceira” (“a notícia de uma erupção submarina cuja aparição acabava de acontecer nas vizinhanças da Ilha Terceira”) é o acontecimento que impulsiona a primeira viagem do geólogo ao arquipélago. Mas Fouqué não chega em tempo para ver as cenas da natureza. De qualquer forma, sem se dar por vencido, ele se lança no empreendimento de relatar o ocorrido, “le théâtre de l’éruption” e, para tanto, apropria-se das vozes dos habitantes do local e as transforma em escritura: “voci le récit des phénomènes qui s’étaient accomplis, tel que j’ai recueilli” (“eis aqui o relato dos fenômenos que se sucederam, tal como eu recolhi”). O interessante é notarmos como Fouqué se defende da voz que se lhe impõe ignorando-a. Não pretende citar tal qual o que lhe foi contado, mas *recolhido*. Como se a oralidade se transformasse em material científico que pudesse ser coletado, um dado qualquer. Desta forma, acrescenta o “je” e apaga a mediação do outro, ou seja, entre os fenômenos e o Eu do viajante não há nada. Após breve relato, explicita os seus pressupostos científicos, duvidando da fala do outro:

“O odor penetrante do ácido sulfídrico era bastante pronunciado, e se é verdade, *como o afirmam as pessoas do lugar*, que foi visto sobrenadar na superfície do mar o enxofre sob a forma de um precipitado branco-amarelado, seria necessário atribuir este fato à decomposição do gás sulfídrico em contato com o ar”.<sup>20</sup>

Neste sentido, Fouqué acaba por dubiar o texto dos *gens du pays*, transforma-o em um bem de consumo científico para satisfazer a curiosidade Ocidental. Contretiza-se o apagamento de uma alteridade radical em nome da linguagem do colonizador que, como vimos, não admite sobras.

ruínas, na variante do romantismo cultivado por poetas e narradores da segunda metade do século XVIII) e racionalismo.

<sup>20</sup> Meus itálicos. “L’odeur pénétrante de l’acide sulfhydrique était très prononcée, et, s’il est vrai, comme l’affirment les gens du pays, que l’on ait vu surnager à la surface de la mer du soufre sous la forme d’un précipité blanc jaunâtre, il faudrait attribuer ce fait à la décomposition du gaz sulfhydrique au contact de l’air.” *Op. cit.*, p. 44.

Por isso o geólogo, apesar de ter perdido o "espetáculo", não deixará por menos: "cette césation brusque des phénomènes était assez extraordinaire pour me faire douter que tout fût terminé"<sup>21</sup> ("esta parada brusca dos fenômenos fora extraordinária o suficiente para me fazer duvidar que tudo terminara"). Em um gesto claro de alguém que não se dá por vencido, ou melhor, de alguém que não pode perder, Fouqué contrata um canoeiro<sup>22</sup> e se lança ao mar, onde teria sido o palco da erupção, "loin de tout regard humain"<sup>23a</sup> ("distante de todo o olhar humano"). Mas é graças aos barqueiros locais que o geólogo consegue empreender a sua pesquisa, são eles que lhe indicam onde estaria ocorrendo "un léger bouillonnement", "le phénomène ultime de l'éruption" ("uma leve fervura", "o último fenômeno da erupção"). Contudo, a importância destes na descoberta é logo ridicularizada em relação ao saber ilustrado:

"Apenas os que empreenderam pesquisas experimentais podem compreender o instante de felicidade que se experimenta em um caso como este. Tive que moderar a expressão emocionada da minha alegria na presença dos olhares estupefatos da tripulação".<sup>24</sup>

Aparentemente encerrada a sua missão no arquipélago dos Açores que consiste em aprisionar em um tubo o gás natural do vulcão presente na ebulição da água, restará ao viajante examinar o seu conteúdo; tarefa que não poderá ser executada *in loco* pois, segundo ele, "la surface de la mer est rarement unie comme celle de la cuve à mercure d'un laboratoire" ("a superfície do mar é raramente uniforme como a da cuba de mercúrio de um laboratório"). O que lhe faz dizer que "l'analyse exacte peut être ainsi réservée pour le laboratoire" ("a análise exata pode ser, assim, reservada para o laboratório") Deste modo, Fouqué dá a última estocada, cala de vez o outro e amplifica seu controle. O espaço alheio, segundo seu argumento, não condiz com as operações científicas. Se civilizar a barbárie é o último passo da colonização, não quer dizer que com a entrada do europeu a colônia se fortaleça, fique independente em relação à metrópole. Não há interesse por parte do colonizador em dar indústrias ao outro, mostrar-lhe os laboratórios e iniciá-lo na ciência. Isto significaria, no contexto do imperialismo, perder o controle sobre os "consumidores" deste

<sup>21</sup> *Op. cit.*, p. 46.

<sup>22</sup> Segundo Montaldo, o saber do outro é o que possibilita a descoberta. Em *Espacio y nación* (*Op. cit.*) ela demonstra como, para a conquista do território argentino, os "civilizados" precisaram do conhecimento do gaúcho.

<sup>23</sup> O cientista assume o lugar de Deus, seu olhar está acima do dos humanos.

<sup>24</sup> *Op. cit.*, p. 47. "Ceux qui ont entrepris des recherches expérimentales peuvent seuls comprendre l'instant de bonheur que l'on goûte en pareil cas. Je du modérer l'expression émue de ma joie en présence des regards stupéfaits de l'équipage".

território insular que se quer explorar e colonizar (O que há por trás da idéia de civilizar, educar, o outro é, antes, fazê-lo entender as normas que deve obedecer). E se continuamos acompanhando o texto de Fouqué concluímos que são estes dois os motivos que o levam a viajar. Apesar de frisar que o objetivo principal seria a pesquisa química que acabara de finalizar, ele afirmará: "Para completar a execução do plano que traçara antes de minha saída da França, me restava apenas empreender tranqüilamente a exploração geológica de algumas ilhas".<sup>25</sup>

Dito de outro modo, a escrita imperial de Fouqué tentará, tranqüilamente, também, dar conta da flora, da fauna, do comércio e dos costumes dos habitantes da ilha e deste modo, via um discurso já não tão carregado de informações sobre rochas e gases vulcânicos, propagar a empresa colonial. Não que isto não estivesse subjacente na própria imagem do tubo de ensaio que o geólogo lança ao mar e no qual deve apreender os gases para pesquisar as formações vulcânicas. A apreensão do gás significa, justamente, a apreensão da própria natureza, um controle efetivo da cultura ocidental sobre ela através do desvendamento dos seus mistérios e publicação de seus efeitos.

Em última análise, o movimento do geólogo pode, ainda, estar relacionado ao próprio aprisionamento da população dentro de um tubo, ou de uma ilha, e ao seu deciframento posterior, à distância, dentro de um laboratório instalado na metrópole. Este episódio aponta para a violência da extração da natureza colonial e a sua passagem, ou transporte, para a cultura do viajante e dos seus leitores. O texto de viagem, portanto, como divulgador dos resultados desta pesquisa da "essência" do outro, corrobora o último movimento desta intervenção insular que consiste em levar a civilização aos povos bárbaros, o que, se por um lado significa um fortalecimento do controle no território destes, por outro, como veremos, ocasiona a fragmentação da unidade da metrópole e o surgimento de uma voz descentrada.

Em um texto intitulado "Modernism and Imperialism"<sup>26</sup>, Fredric Jameson argumenta que, no processo de colonização, um segmento estrutural significativo do sistema econômico como um todo localiza-se em outro lugar, além da metrópole, fora da vida cotidiana e da experiência existencial da terra natal. Em outras palavras, o que nos diz Jameson é que a existência da colônia representa um corte em relação ao império que acaba por produzir

<sup>25</sup> "Pour compléter l'exécution du plan que je m'étais tracé avant mon départ de France, il ne me restait plus qu'à entreprendre paisiblement l'exploration géologique de quelques-unes des îles". *Op. cit.*, p. 49.

<sup>26</sup> *In: Nationalism, colonialism and literature*. Minneapolis, University of Minnesota, 1992.

uma quebra no sistema deste. Na emergência de uma alteridade todo o mapeamento fica incompleto e a totalidade da metrópole fica abalada. Assim, se por um lado, o relato de viagens proporciona o relato fundacional do subalterno, quer dizer, das literaturas e histórias nacionais emergentes através do "olhar" imperial<sup>27</sup>, por outro, vem elaborar a crítica social da metrópole<sup>28</sup>.

Esta seria a perspectiva de um relato — reverberação das viagens insulares intervencionistas — como o de Roger Caillols na sua viagem à Patagônia<sup>29</sup>. A partir do exílio (da ilha), ao qual se submete por causa da Segunda Guerra Mundial, o intelectual<sup>30</sup> (cientista social), não mais o geólogo (cientista natural), percebe na paisagem árida e gélida a sorte — nada feliz — da metrópole. O espelho, a partir do qual se vê, apresenta-lhe uma imagem que é puro fragmento<sup>31</sup>. Não lhe espera, no vazio da Patagônia e na destruição de Europa, a imagem total dos Açores que pintara Fouqué e que poderia ser apreendida pelo olhar do viajante. É, pois, na vertigem de um Eu prestes a defrontar-se com o branco da tela, que se escreve o relato crítico (em crise) de Caillols. A

<sup>27</sup> Ver para isto, no âmbito latino-americano, *O Brasil não é longe daqui — o narrador, a viagem* (São Paulo, Companhia das Letras, 1990) de Flora Süssekind, de Adolfo Prieto *Los viajeros Ingleses y la emergencia de la literatura argentina* (*Op. cit.*) e *Literatura argentina y política* (Buenos Aires, Sudamericana, 1996) de David Viñas, texto que, de certo modo, inaugura a discussão latino-americana em torno da questão da formação da nação e da literatura nacional através das viagens. No capítulo "La mirada a Europa" o autor analisa as viagens de escritores nacionais à Europa e as diferentes perspectivas durante o século XIX até o começo do XX de olhar o outro e, logo, de se construir a partir deste outro.

<sup>28</sup> Na *Ilha errante* de Jules Verne (segunda parte de *O país das peles*. Trad. de Mariano Cyrillo de Carvalho, Lisboa, Bertrand, 5ª ed.) temos, em um primeiro momento, a idéia do controle e exploração do espaço peninsular. Mas o que domina a narrativa é a transformação desta península em ilha errante, em um pedaço de terra que se descola do continente e que vaga, "sem controle", no oceano até se transformar num bloco de gelo. Neste sentido, a deriva da ilha e o sua "falência" pode ser uma alegoria do despedaçamento do império capitalista Inglês, já que a ilha é habitada por Ingleses. A ilha errante vincularia-se também à ilha de voadora de Swift, das *Viagens de Gulliver*.

<sup>29</sup> "Patagonie" In: *Río de la Plata, culturas, Roger Caillols — Julio Cortázar* (revista do Centro de estudos de Literaturas e Civilizações do Rio da Prata (CELCIRP), nº13-14, Paris, 1992. Texto publicado em *Le rocher de Sysiphe*. Paris, Gallimard, 1946.

<sup>30</sup> Raymond William argumenta que as viagens de escritores, artistas e intelectuais, características dos fins do século XIX e as narrativas fraturadas de viagem que crescem às próprias narrativas modernistas instabilidade, falta de lugar e solidão, culminam justamente na Ilha, "Nova York, cidade dos imigrantes e dos exilados". Em outras palavras, a vanguarda é produzida em uma viagem cujo ponto radical de câmbio simbólico é a ilha. In: *La política del modernismo — contra los nuevos conformistas*. Comp. e Introd. de Tony Pinkney, trad. de Horácio Pns, Buenos Aires, Manantial, 1997, p. 54.

<sup>31</sup> O Eu para Lacan, em 1949, se constrói a partir da imagem, ou da ficção, que lhe fornece, de si, o espelho ou o outro. O Eu se sustenta a partir desta imagem idealizada de si. Ver de Jacques Lacan "Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je — telle qu'elle nous est révéée dans l'expérience psychanalytique" In: *Écrits*. Paris, Seuil (Point), 1994.

descrição de uma praia do território argentino metaforiza ("se transporta para") os campos de batalha europeus:

"Encontram-se, aí, cadáveres de carneiros, que alguns focos de lã tremulando sobre o esqueleto permitem reconhecer. Mais longe, distinguem-se os restos de uma foca cuja pele escura resistiu melhor à intempérie. Ela está estourada apenas pelas paletas das nadadeiras, e vê-se os dedos paralelos no fim delas ainda fechados, como que a empurrar a água. Ou é uma carcassa de pássaro enterrada mais que pela metade na areia úmida, de que o vento arranca as últimas penas. Dir-se-ia que a fauna inteira da criação delegou representantes para ali morrerem. (...) Esta praia é implacável para a própria matéria. Ela proclama com eloquência uma lei de destruição universal e terrível. Subitamente, os rumores da guerra, as hecatombes e os incêndios não são mais um escândalo e aparecem antes como uma presteza desnecessária. (...) Tantos massacres horrendos parecem bem conformes à ordem do mundo. (...)

Assim, o horror dos campos de batalha se encontrava confirmado por um espaço calmo onde cada elemento concorria para fazer lentamente retornar às mais simples espécies a multidão de arquiteturas delicadas que uma energia divina habitou".<sup>32</sup>

Notamos que, à medida que descreve, o sociólogo aproxima cultura e barbárie. Se, no início, seu discurso podia se igualar ao de Fouqué, sobre e — portanto — acima (d) a barbárie (que poderíamos vincular à natureza selvagem dos Açores e aos seus habitantes), no final já não sabemos se Caillois se refere ao campo de batalha europeu ou à planície argentina. Na verdade, ilumina aquele através desta e, ao fazê-lo, denuncia a barbárie do poder imperial, sobretudo, o alemão, responsável, naquele momento, pela ocupação da França. Desta vez, o francês é que deve resistir à invasão do outro. E do seu lugar de resistência, de insular, toma mais distância do relato do geólogo. Em face da destruição da guerra, Caillois argumenta que "l'homme, qui n'aime rien laisser

<sup>32</sup> "On y rencontre des cadavres de moutons, que permettent de reconnaître quelques flocons de laine tramblant sur le squelette. Plus loin: on distingue les restes d'un phoque dont la fourrure sombre a mieux résisté à l'intempérie. Elle est crevée seulement par les puissantes palettes des nageoires et on voit les doigts parallèles qui les terminent, encore serrés comme pour chasser l'eau. Ou c'est un carcasse d'oiseau plus qu'à demi enfoncée dans le sable humide et d'où le vent arrache les dernières plumes. On dirait que la faune entière de la création a délégué là des représentants pour y mourir. (...) Cette plage est implacable pour la matière elle-même. Elle proclame avec éloquence une loi de destruction universelle et terrible. Les rumeurs de la guerre, les hécatombes et les incendies ne sont plus soudain un scandale et apparaissent plus tôt comme une hâte que rien ne rend nécessaire. (...) Tant de massacres affreux semblent bien conformes à l'ordre du monde. (...) Ainsi l'honneur des champs de bataille se trouvait confirmée par une étendue calme où chaque élément concourait à faire lentement retourner aux plus simples espèces la multitude des architectures délicates qu'une énergie divine habita." *Op. cit.* p. 20-22.

perdre, fait exception pour les corps de ses semblables<sup>33</sup> ("o homem que não gosta de perder nada, abre uma exceção para o corpo dos seus semelhantes"). Neste caso, o tubo que Fouqué usara para guardar o gás, ou o espaço insular que conseguira controlar e colocar a serviço da produção, serve agora de túmulo do soldado morto para que, segundo Caillois, nada incomode o progresso de sua solene e própria destruição.

Desta vez, a extração do gás que antes era matéria-prima para a cultura e para a evolução da ciência, deve, enquanto corpo em deterioração, improdutivo, retornar ao solo estéril.

Assim, os esforços de Fouqué para, em primeiro lugar, aprisionar (via diário) o gás e a população insulares, em segundo, examiná-lo(s) na metrópole e, em seguida divulga-lo(s) (via relato de viagens) em nome de uma nova descoberta científica para a ciência, são vistos por Caillois, a partir do deserto da Patagônia, com certa desconfiança. Como partidários de uma violência escondida na crença no progresso e na razão, estes gestos não conseguem fazer com que, cedo ou tarde, a partir do momento em que se deterioram, os restos mortais do homem e, logo, da cultura, venham a encontrar-se com seus "dissemblables", ou seja, com seus outros<sup>34</sup>.

O homem, argumenta Caillois, face à destruição, arruma solícito um asilo limpo para seu semelhante, como se quisesse impedir a mistura desta matéria com esta outra, "moins parente", com a qual *inevitavelmente* ele deve se confundir<sup>35</sup>.

<sup>33</sup> *Op. cit.* p. 21

<sup>34</sup> Em uma passagem que nos envia ao texto de Walter Benjamin "Sobre o conceito de história" (*In: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Edusp) e à idéia dos restos da cultura que se amontoam face ao *Angelus Novus*, Caillois escreve que "il est heureux que les perfections éclatantes qu'on constate dans la nature et qui s'y montrent immédiates et définitives, ne soient pas le privilège de l'homme. Comme il lui faut beaucoup de soins pour former les siennes, il ne les perçoit pas non plus sans apprentissage. Et il en exige de toujours plus achevés. Celles qui le ravissaient à l'instant et qu'il se félicitait d'avoir réussies, le déçoivent aussitôt. Elles ne servent qu'à lui en faire concevoir d'autres qui provoqueront à leur tour plus d'exigences qu'elles n'en auront satisfaites" (*Op. cit.* p. 25). [É uma felicidade que as perfeições fulgurantes que verificamos na natureza e que ali se mostram imediatas e definitivas não sejam privilégio do homem. Como lhe são necessários bastantes cuidados para construir as suas, não é sem aprendizagem que ele as apreende. E as quer cada vez mais perfeitas. As que imediatamente o encantam e as quais se regozijava em haver alcançado logo o decepçionam. Apenas servem para que ele conceba outras, que por sua vez suscitarão mais exigências do que as que o terão satisfeito.]

<sup>35</sup> Grifo meu. Trata-se, por certo, de um movimento que é próprio à civilização Ocidental e que Caillois percebe, também, na produção literária desta, a partir da elaboração dos estilos maravilhoso, fantástico e de ficção científica. Portanto, ele escreverá mais tarde em "Les trois styles de l'imaginaire" (*In: Rio de la Plata, culturas, Roger Caillois — Julio Cortázar. Op. cit.* Tal texto, segundo nota na p. 7, foi remetido pessoalmente pelo autor, em 1975, a Victoria Pueyrredón que o traduziu-o para espanhol e publicou-o em 1984 nas *Letras de Buenos Aires*, revista que ela dirige) que "si la connaissance rationnelle règne sur la nature diurne, la croyance à l'Enfer e à l'autre

monde reste vivace. Un empire sinistre renaît chaque soir avec la tombée des ténèbres. Aussi partout où triomphe la conception scientifique du monde, et seulement là, parce que seulement là, existe la conviction que l'ordre des choses ne se laisse pas transgresser, se développe aussitôt une mythologie de spectres et maléfica qui paraissent seulement destinés à bafouer la régularité souveraine, à faire irruption dans le monde quotidien et à infliger de terribles dementis aux certitudes issues des laboratoires et de l'analyse quantitative". [“se o conhecimento racional reina sobre a natureza diurna, a crença no Inferno ou no outro mundo continua vivaz. Um império sinistro renasce a cada dia com a chegada das trevas. Também por tudo onde triunfa a concepção científica do mundo, e apenas ali, por que somente ali existe a convicção de que a ordem das coisas não se deixa transgredir, se desenvolve no mesmo instante uma mitologia de fantasmas e malefícios que parecem apenas destinados a achincalhar a regularidade soberana, a irromper no mundo cotidiano e a infligir com terríveis contradições as certezas saídas dos laboratórios e da análise quantitativa.”.]